



"Desconstruindo o feminismo: Uma análise reflexiva de 'O Segundo Sexo' de Simone de Beauvoir"

Genival Santos de Oliveira

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre o movimento feminista tendo como base a obra de Simone de Beauvoir. Partindo da premissa de que os estudos acerca do feminismo e das questões de gênero emergiram como um campo multidisciplinar durante a crise das ciências sociais no final dos anos 1960, inicialmente buscavam compor o arcabouço teórico e metodológico dos grupos feministas. Esses estudos visavam fortalecer as causas de luta que identificavam no empoderamento da mulher um caminho para enfrentar a opressão das sociedades patriarcais. Com o passar do tempo, no entanto, os estudos sobre o feminismo e o Gênero transformaram-se em um campo de investigação crucial para compreender o exercício do poder heteronormativo. Esse campo de estudo se dedica a refletir e, principalmente, denunciar as formas de controle e disciplina social que não apenas excluía ou marginalizavam as mulheres, mas também outras minorias sexuais.

Palavras-chave: História. Estudos de Gênero. Cultura. Feminismo

Reflections on Feminism through Simone de Beauvoir's 'The Second Sex'

Abstract: This article aims to reflect on the feminist movement using Simone de Beauvoir's work as a foundation. Stemming from the premise that studies on feminism and gender issues emerged as a multidisciplinary field during the late 1960s social sciences crisis, they initially sought to form the theoretical and methodological framework for feminist groups. These studies aimed to strengthen the causes of struggle, identifying in women's empowerment a path to confront the oppression of patriarchal societies. Over time, however, studies on feminism and Gender evolved into a crucial research field to understand the exercise of heteronormative power. This field of study is dedicated

to reflecting and, primarily, denouncing the forms of social control and discipline that not only excluded or marginalized women but also other sexual minorities.

Keywords: History. Gender Studies. Culture. Feminism

1. INTRODUÇÃO

Sexo' é uma palavra que faz referência às diferenças biológicas entre machos e fêmeas [...]. 'Gênero', pelo contrário, é um termo que remete à cultura: ele diz respeito à classificação social em 'masculino' e 'feminino' [...]. Deve-se admitir a invariância do sexo tanto quanto deve-se admitir a variabilidade do gênero.

Ann Oakley (apud Tilly, 1994)

Ao longo da história, os papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade eram definidos a partir das funções e atividades atribuídas aos cidadãos. Fatores como nível de educação, classe social, religião e, especialmente, o sexo, determinavam o papel social a ser desempenhado pelo indivíduo. A diferenciação entre o papel do homem e da mulher resultou em prejuízos para a figura feminina, relegando-a à dependência do homem, seja este seu pai, irmão ou marido.

Dessa forma, a sociedade moldou uma cultura machista e patriarcal, apenas questionada com o surgimento dos movimentos feministas, buscando o reconhecimento e a aceitação do papel da mulher na sociedade em igualdade de condições com os homens. Embora alguns autores situem o início do movimento feminista no Iluminismo do século XVII, com a reivindicação dos direitos sócio-políticos das mulheres, foi a partir do século XX que o movimento ganhou intensidade, alcançando posteriormente representatividade política.

No âmbito da filosofia, destaca-se a figura da filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908-1986), cujo livro "O Segundo Sexo", publicado em 1949, apresentou uma visão existencialista sobre diversas questões do feminismo. Influenciada por Jean-Paul Sartre, abraçou o preceito de que "a existência precede a essência" e defendeu que "não se nasce mulher, torna-se".

Uma das grandes contribuições de Simone foi identificar como crucial a compreensão do por que a mulher é considerada inferior ao homem e por que essa visão deve ser superada. Argumentou que as mulheres ao longo da história foram rotuladas como anormais ou desviantes simplesmente por

não se assemelhem ao homem, considerado o modelo ideal. Para ela, o feminismo só poderia avançar se essa concepção fosse abandonada e superada.

"O Segundo Sexo" analisa o papel da mulher por meio de perspectivas sexual, psicológica, histórica, social e política, discutindo os caminhos para a libertação tanto de mulheres quanto de homens. Sua obra, embasada em uma filosofia existencialista, tornou-se referência para compreender as implicações do avanço do feminismo em nossa sociedade ao questionar o Estado ou a sociedade ditando comportamentos.

Os questionamentos de Simone de Beauvoir permanecem incrivelmente atuais, considerando que as mulheres ainda enfrentam o machismo em seu dia a dia, presente no ambiente familiar, social e profissional. Portanto, torna-se fundamental buscar compreender a desigualdade de gênero com base nas ideias propostas por uma das pioneiras na compreensão do feminismo em nossa sociedade.

Além de sua relevância para a luta feminista, os debates de Simone de Beauvoir contribuíram para o desenvolvimento de diversos movimentos sociais contemporâneos que buscam garantias de igualdade e direitos, incluindo igualdade racial, de gênero e de classe social. Assim, urge um maior estudo e disseminação das ideias de Simone de Beauvoir na sociedade contemporânea.

2. A Importância do Estudo do Feminismo

Estudar o feminismo é uma empreitada complexa, considerando a diversidade de visões e posicionamentos dentro desse movimento, sendo impossível esgotá-lo, o que este trabalho não busca fazer.

Este artigo propõe-se a explorar as ideias feministas por meio das discussões presentes nas obras de Simone de Beauvoir. Dada a importância da luta feminista no contexto social, político e filosófico, por questões práticas, esse estudo pretende responder à seguinte indagação: Como se dá o debate feminista nas obras de Simone de Beauvoir?

O objetivo deste artigo é apresentar o feminismo sob a ótica teórica de Simone de Beauvoir. A proposta central do artigo reside na contribuição de Simone de Beauvoir para a consolidação e fortalecimento do movimento feminista, ainda vigente em nossa sociedade. Nos últimos anos, a crise política que assola nosso país tem suscitado debates, e entre esse conjunto de questões, a discussão sobre o feminismo emerge com frequência.

Para alcançar a resposta à questão levantada, este artigo tem como objetivo geral analisar a discussão feminista na obra de Simone de Beauvoir e seus impactos filosóficos, históricos, sociais e culturais.

Para atingir esse objetivo geral, pretende-se examinar a evolução do movimento feminista ao longo da história, explorando as reflexões propostas por Simone de Beauvoir sobre o feminismo, e assim relacionar a contribuição dela para o debate filosófico. Busca-se, por meio desse estudo, construir um conhecimento que promova igualdade e liberdade.

Refletir sobre a necessidade de estudar o feminismo é adentrar em um tema crucial para compreendermos a complexidade das relações de gênero e os desafios enfrentados por mulheres ao longo da história. Como afirmou Simone de Beauvoir, "Não se nasce mulher: torna-se". Essa máxima ilustra a perspectiva de que a identidade feminina não é inata, mas sim construída por meio de contextos sociais, culturais e políticos.

O estudo do feminismo não se restringe apenas a um movimento de igualdade entre os gêneros, mas abarca uma vastidão de correntes e pensamentos que buscam desconstruir estereótipos, questionar estruturas de poder e lutar por direitos iguais. Conforme Angela Davis ressaltou: "O feminismo é para toda pessoa que acredita na igualdade de gênero". É uma causa que transcende as fronteiras e se estende a todos que almejam uma sociedade mais justa e equitativa.

Ao compreender o feminismo, ampliam-se os horizontes para analisar criticamente as desigualdades sistêmicas presentes na sociedade, permitindo a identificação de padrões discriminatórios e a busca por mudanças efetivas. Como destacou Chimamanda Ngozi Adichie, "O feminismo não é sobre odiar homens, mas sobre a igualdade de gênero. Não sou anti-homem, mas sim a favor dos direitos das mulheres". Esta visão esclarece que o feminismo não se trata de antagonismo, mas sim de alcançar equidade e justiça para todos os gêneros.

Em suma, estudar o feminismo não se limita a entender um movimento social; é uma jornada de conscientização, educação e ação em prol da igualdade. Ao compreender suas nuances e sua importância, abrem-se portas para construir um mundo mais inclusivo e respeitoso para todas as pessoas, independentemente do gênero.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Tradicionalmente, é perceptível a forma como é dividido o papel do homem e da mulher na sociedade. Atividades de domínio da ciência, gerenciamento de empresas e lideranças são

preponderantemente exercidas pelos homens, enquanto para mulheres lhes são dados papéis voltados aos afazeres domésticos ou funções que exigem menos desempenhos intelectuais desde cedo.

De um lado, o homem é considerado o ator principal, que molda a sociedade e a quem se deve espelhar e do outro, a mulher, vista de maior fragilidade, coadjuvante e dependente da figura masculina. Importante observar que a maioria dos autores sobre a natureza humana são predominantemente masculinos, que deram para a sociedade um padrão no qual passou-se a julgar somente por esse viés. Por esses estudos, igualou-se a categoria de ser humano ao homem, sexo masculino, em contrapartida deixando a mulher simplesmente como fêmea.

No campo filosófico, a concepção de mulher foi construída como um ser inferior ao homem, submissa e subalterna. Alguns filósofos compreendiam a sociedade como sinônimo de masculinidade, já outros aplicavam o masculino como medida e parâmetro segundo o qual a humanidade deve ser julgada.

Aristóteles, por exemplo, analisava a sociedade somente pelo viés masculino, quando afirmava que em todas as espécies o macho era evidentemente superior à fêmea e a espécie humana não seria exceção. Para o filósofo, existia uma diferença indelével na caracterização do comando: qualquer que seja a idade da mulher, o homem deve conservar sua superioridade (ARISTÓTELES, 1862). Por sua vez, Immanuel Kant definia a mulher como o “belo sexo”, considerando o entendimento feminino como “belo entendimento”, em oposição ao homem que possuía o “profundo entendimento”. Nesse sentido, a profundidade espiritual era reservada ao homem, excluindo-se da mulher (BARBOZA, 2009).

Alinha-se a esse pensamento Schopenhauer e Nietzsche, para quem a mulher era considerada, antes de tudo, um ser destinado a parir filhos fortes. Nietzsche, inclusive, afirmava que se as mulheres tivessem inclinações eruditas, geralmente haveria algo de errado com a sua sexualidade, já que a erudição era qualidade masculina. Para Kant, a mulher não deveria pensar muito, apenas o suficiente, a fim de incentivar a ativação da inteligência nobre e sublime do homem (BARBOZA, 2009).

Embora houve alguns avanços no campo de espaço da autonomia feminina, essa conversa continua cheia de preconceitos e estereótipos, portanto, não é algo do nosso passado. O rompimento do status quo de passividade veio a partir do movimento feminista, que luta contra a desigualdade de condições entre homens e mulheres. O movimento tem suas peculiaridades políticas, intelectuais e filosóficas, e busca, em sua essência, superar os modelos tradicionais e patriarcais que durante muito tempo foi e continua sendo suportado pelas mulheres.

Soares (1994) vai definir feminismo como uma posição e expressão política das mulheres, compreendendo os seus contextos teóricos, éticos e práticos. Define também o reconhecimento das mulheres como sujeitos de mudança de suas próprias condições sociais, transformando a si mesmas e o âmbito em que estão inseridas, sendo tais formas de expressão encontradas no seio cultural, artístico, político, social e teórico.

No contexto do surgimento das teorias feministas, destaca-se Simone de Beauvoir (1908-1986), filósofa francesa que escreveu romances, ensaios e monografias sobre filosofia, política e questões sociais. Entre suas principais obras, destaca-se o livro “O Segundo Sexo”, conhecido como um tratado fundamental do feminismo, onde fez uma análise da opressão vivenciada pelas mulheres. Alguns autores como Nogueira (2001) e Louro (1997) corroboram com a afirmação de que Beauvoir é tida como um dos principais nomes ao que se refere ao movimento feminista.

As manifestações da resistência nas implicações filosóficas de diferença sexual estão disponíveis nas obras de Simone de Beauvoir. As contribuições revolucionárias foram capazes de gerar transformações sociais, rompendo com o silêncio que durante muito tempo foi encoberto pelo machismo enraizado na sociedade.

A preocupação da autora se concentrava no fato de que as mulheres somente eram consideradas iguais na medida que agiam como homens, inclusive na visão daqueles que escreviam sobre a luta igualitária entre os homens e mulheres. Para Simone, muitos escreviam pensando no “ser” e no “fazer” em comparação ao homem, o que era equivocado, indo de encontro com seus ideais e não ajudando ao progresso da questão da mulher na sociedade.

Como a grande maioria dos escritores sobre natureza humana eram homens, adotaram a masculinidade como padrão segundo a qual a humanidade deva ser julgada. Por essa razão que na visão de Simone, o “Eu” do conhecimento filosófico acabou sendo masculino e o seu par binário, o feminino, seria algo a mais, o “Outro”. Dessa forma, o “Eu” seria erudito, espiritualizado, ativo e consciente e o “Outro” totalmente o oposto, passivo, sem voz e sem poder.

Ao considerar que a desigualdade não se inscreve no natural, a filósofa debate sobre a forma como ela é construída da sociedade. Simone acreditava que a sociedade é quem estabelece e determina o papel de gênero em cada pessoa e que os vários mitos da mulher (mãe, esposa, virgem, símbolo da natureza) a aprisionava em certos ideais impossíveis, bem como lhe contestaram seu “Eu”. A filósofa tenta desmistificar a naturalização do gênero, não sendo pois, algo biológico e sim determinado pela sociedade. Dessa forma ela demonstra que homens e mulheres devem ter direitos iguais.

No livro “O Segundo Sexo”, Beauvior detalhou a forma como o padrão masculino é imposto na sociedade, o que gerou bastante aversão da sociedade, despertando reações contrárias inclusive da igreja católica, que o considerou proibido. Importante observar que as críticas apresentadas à Beauvior comprovavam sua própria tese levantada. Foi acusada de ter complexo de inferioridade com relação aos homens, de ser frustrada, neurótica, invejosa, deserdada, mulher-macho e roída pelo ressentimento em relação às outras mulheres. Pode-se perceber que as críticas, surgidas em decorrência do livro, recaíram na autora, desqualificando como a gente e intelectual (CYFER, 2015).

A criação de Beauvior traz para discussão questões sobre a essência feminina, não julgando como verdadeiro os mitos “inventados pelos homens” de que existam qualidades, valores e modos de viver estritamente feminino e outros reservados à cultura masculina. Para a autora, essas definições foram inventadas como forma de enclausurar as mulheres na condição de oprimida.

Simone de Beauvoir era filósofa ligada ao existencialismo e, dessa forma, acreditava que iniciamos sem finalidades e sem propósitos, e que a partir da autenticidade de nossa própria existência é que podemos traçar nossos objetivos, e onde podemos escolher quem vamos nos tornar. Para ela, a existência de forma autêntica dá espaço a riscos, mas que esse é o único meio de encontrar a igualdade e a liberdade.

Em razão de ter formação na área de fenomenologia, tinha a preocupação de como as coisas se manifestam à nossa existência. Sustentou a ideia de que cada ser cria um mundo a partir do fluxo das nossas experiências. Nessa visão, a relação que nós temos com o nosso corpo, com o mundo ao nosso redor e com todos os outros meios está atrelado ao nosso gênero sexual.

No tratado feminista, Simone não tinha a pretensão de colocar a liberdade das mulheres em plano ontológico, mas sim colocar a liberdade com algo circunstancial, ou seja, considerando que não há uma verdade universal correspondente para todas as épocas ou sociedades, as escolhas são determinadas pelas circunstâncias em que o indivíduo está inserido (RIBEIRO, 2014). Obviamente, por esse raciocínio, é nítida a noção que tinha Simone em relação a mulher, separando o ente biológico da feminilidade. De um lado, teria a forma biológica e natural na qual as mulheres nascem e, do outro lado, a forma como elas se colocam na sociedade, a partir da construção social.

Conforme analisam Motta, Sardenberg e Gomes (2000), apesar de Simone não dispuser do termo “gênero”, ela perfeitamente o conceituou, ao afirmar que ninguém nasce mulher, mas se torna mulher e, por conseguinte, ninguém nasce homem, mas se torna homem, mostrando que ser homem ou ser mulher consiste numa aprendizagem. Neste sentido, as pessoas acabam se conduzindo como homem ou mulher de acordo com a socialização que recebera e não conforme seu sexo biológico, o

que vale dizer, no pensamento de Simone, que todo ser humano do sexo feminino não é, portanto necessariamente mulher.

Para a filósofa, qualquer construção autêntica é aberta a modificação e transformação, isso significa que existem várias formas de “ser mulher”, havendo espaço para escolha existencial. Acreditava que as mulheres devessem tanto romper com a ideia de equiparação aos homens, quanto da ideia de passividade que a sociedade lhe atribuiu. Em passagem pelo seu livro, ela afirmava que nenhum “destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, 1980, p.99).

Ressalta-se que a importância do empoderamento feminino deve ser alcançado e conquistado em todos os aspectos na sociedade. Conforme Alvares (2014), o simples fato de se libertar economicamente do homem, não faz a mulher alcançar uma situação moral, social e psicológica idêntica à do homem. A forma da dedicação e empenho para sua profissão, dependerá do contexto construído a partir da forma global de sua vida.

4. METODOLOGIA

No presente artigo a pesquisa se apresenta com a caracterização de exploratória e descritiva. A pesquisa do tipo exploratória tem por finalidade conhecer características de um fenômeno, buscando o maior volume de informações sobre determinado objeto. É recomendável quando há pouco conhecimento sobre o problema a ser pesquisado e serve, inclusive, como produto para outras pesquisas, tendo em vista sua função esclarecedora (GIL, 2008). Sobre esse aspecto, procura-se conhecer sobre a obra de Simone de Beauvoir e sua importância para a abordagem existencialista das ideias feministas.

Pela forma da abordagem do problema, a pesquisa classifica-se como bibliográfica e documental. Segundo Vergara (2000), pesquisa bibliográfica é compreendida como o estudo com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Como se vê, a presente pesquisa aqui enquadra-se.

Não se pode negar que cada pesquisa terá um objetivo específico para ser alcançado. Todavia é possível agrupar as pesquisas em certos blocos, conhecidos como níveis de pesquisas. São eles pesquisas exploratórias, descritivas e explicativas.

Por descritiva, entende-se a pesquisa que se destina descrever as características de determinada população ou fenômeno, podendo estabelecer correlações entre os dados. Assim sendo, descreve-se, a partir da pesquisa, a forma como a obra de Beauvoir influenciou o entendimento acerca das ideias feministas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para isso, entender as diferenças como parte essencial dos seres humanos é fundamental. Os estudos sobre feminismo e Gênero se constituem, então, numa das possibilidades enquanto instrumental de análise dessa realidade e dos sujeitos heterogêneos que a compõe ou que sofrem os efeitos de práticas sociais, culturais e políticas baseadas num ideal de sociedade que é, por princípio, excludente.

Obviamente que, como qualquer campo de análise e de reflexão intelectual, os estudos de Gênero não correspondem hoje a um campo monolítico de conhecimento, nem em relação às formulações teóricas, nem enquanto práticas sociais e políticas, nem, muito menos, da eleição dos sujeitos históricos analisados, ou sobre os quais se busca levantar bandeiras de luta.

As práticas sociais derivadas das representações em constante mudança no universo cultural e político atestam as transformações constantes nos conceitos de cidadania e democracia. E a emergência de novas formas de organização social e de novas vozes é o maior sintoma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. O Segundo sexo – fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

CYFER, Ingrid. Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e "a questão do sujeito" na teoria crítica feminista. Lua Nova, São Paulo, n. 94, p. 41-77, Abril 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452015000100003&lng=en&nrm=iso>. acessos em 25 maio 2022.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecilia; e GOMES, Márcia (orgs). Um

diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas - Salvador: NEIM/UFBA, 2000.

NOGUEIRA, Conceição. Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectiva crítica na psicologia social. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2001.

Ribeiro, T. A. & França, F. F. (2014). Simone de Beauvoir e o movimento feminista: contribuições à educação. Simpósio de Gênero e Políticas Públicas.

SOARES, Vera. Movimento de mulheres e feminismo: evolução e novas tendências. IN: Revista Estudos feministas. Rio de Janeiro, 1994.

VERGARA, S. C. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

Autor:

Genival Santos de Oliveira

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal, possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (2007), graduação em Letras - Espanhol pela Universidade Estadual do Piauí (2018) e graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (2016). Atualmente é professor - Secretária Municipal de Educação de Jaicós-PI e professor temporário - Secretaria Estadual de Educação do Piauí. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ética.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5357849258301329>